

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

BEATRIZ PEREIRA DA SILVA
JOÃO VICTOR GOMES BATISTA DA SILVA
KHALYANNY DANNIELY XAVIER DOS SANTOS
MAELLY PALLOMA FERREIRA GOMES VIANA

**A Importância da Enfermagem Frente a Reposição Hormonal em
Mulheres Trans e o Risco de Câncer de Mama**

RECIFE/2024

**BEATRIZ PEREIRA DA SILVA
JOÃO VICTOR GOMES BATISTA DA SILVA
KHALYANNY DANNIELY XAVIER DOS SANTOS
MAELLY PALLOMA FERREIRA GOMES VIANA**

**A Importância da Enfermagem Frente a Reposição Hormonal em
Mulheres Trans e o Risco de Câncer de Mama**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Disciplina TCC II do
Curso de Bacharelado em Enfermagem
do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos
para conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Me. Carlos Henrique
Tenório Almeida do Nascimento.

RECIFE
2024

**BEATRIZ PEREIRA DA SILVA
JOÃO VICTOR GOMES BATISTA DA SILVA
KHALYANNY DANNIELY XAVIER DOS SANTOS
MAELLY PALLOMA FERREIRA GOMES VIANA**

**A IMPORTÂNCIA DA ENFERMAGEM FRENTE A REPOSIÇÃO
HORMONAL EM MULHERES TRANS E O RISCO DE CÂNCER DE MAMA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Orientador – Me. Carlos Henrique Tenório Almeida do Nascimento

Examinador 1 – Titulação

Examinador 2 - Titulação

Nota: _____

Data: ____/____/____

Dedicamos este trabalho à nossa família e ao nosso futuro,
que colherá os frutos desta jornada de aprendizado e crescimento.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente à Deus, que nos concedeu forças para trilhar todo o caminho e por sua infinita bondade. Sem sua luz, nada disso seria possível.

Em especial aos nosso pais, pelo apoio incondicional. que nos ensinaram o valor da perseverança, honestidade e amor ao próximo, e por todo esforço para que esse momento se tornasse possível. Agradecemos também a todos os nossos amigos e familiares que de alguma forma contribuíram para o êxito deste trabalho.

Por fim agradecemos a coordenação e todo corpo docente, em especial ao nosso orientador Prof: Carlos Henrique por todo conhecimento compartilhado, bem como para nossa formação pessoal e profissional, nossa eterna admiração.

"Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível".

Charles Chaplin.

A Importância da Enfermagem Frente a Reposição Hormonal em Mulheres Trans e o Risco de Câncer de Mama.

RESUMO

O termo “transexualidade” é utilizado para designar as pessoas que não se identificam com o sexo de nascimento, e sim com o sexo oposto causando um quadro de incongruência de gênero. Nesse sentido, uma mulher trans para a elevação de sua autoestima e a sensação de adequação social passam pela transição, caracteriza-se na busca de ser reconhecida pelo gênero no qual se identifica, esse processo inclui medidas como a hormonioterapia, hormônios como estrogênio e antiandrogênios usados para promover características físicas do sexo desejado, no entanto, a busca por serviços de saúde se torna mínima quando o que se encontra não é acolhimento e cuidado humanizado, e sim discriminação por parte da enfermagem ocorrendo a evasão dessa população e a automedicação desses hormônios sem acompanhamento correndo o risco de desenvolver câncer de mama. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo descrever a importância da enfermagem frente a reposição hormonal em mulheres trans e o risco de câncer de mama. Trata-se de uma revisão bibliográfica de literatura, em que a busca pelos artigos foram realizadas em bases on-line incluindo artigos de 2020 a 2024 que fossem voltados à temática do trabalho. Portanto, espera-se com o estudo mostrar a importância da enfermagem como campo de conhecimento e práticas sendo esta, a principal equipe presente nos serviços de saúde e porta de entrada capacitada e comprometida para atender as mulheres trans e suas particularidades, sendo necessário aplicar a educação continuada para que os profissionais tirem esse estigma e a humanização seja vivenciada.

Palavras-Chaves: Hormonioterapia, Estrogênio, Pessoa transgênero, Risco de câncer de mama, Importância da enfermagem.

The importance of nursing in relation to hormone replacement in trans women and the risk of breast cancer.

ABSTRACT

The term "transsexuality" is used to refer to people who do not identify with their birth sex, but with the opposite sex, causing gender incongruence. In this sense, in order to raise their self-esteem and feel socially adequate, trans women go through transition, characterized by the search to be recognized by the gender they identify with. This process includes measures such as hormone therapy, hormones such as oestrogen and anti-androgens used to promote the physical characteristics of the desired sex. However, the search for health services becomes minimal when what is found is not welcoming and humanized care, but discrimination on the part of the nursing staff, resulting in the evasion of this population and the self-medication of these hormones without follow-up, running the risk of developing breast cancer. This study aims to describe the importance of nursing in relation to hormone replacement in trans women and the risk of breast cancer. This is a bibliographic review of the literature, in which the search for articles was carried out in online databases including articles from 2020 to 2024 that were focused on the theme of the work. Therefore, the study is expected to show the importance of nursing as a field of knowledge and practice, as it is the main team present in health services and the gateway that is trained and committed to serving trans women and their particularities.

Keywords: Hormone therapy, Estrogen, Transgender people, Breast cancer risk, Importance of nursing.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS- Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

BVS- Biblioteca Virtual de Saúde.

CID- Classificação Internacional de Doenças.

HIV- Vírus da Imunodeficiência Humana.

INCA- Instituto Nacional do Câncer.

LGBTQIA+- Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais.

OMS- Organização Mundial da Saúde.

SUS- Sistema Único de Saúde.

SCIELO- Cientific Eletronic Library Online.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Materiais e métodos.....	12
3. Resultados e discussão.....	12
3.1 Saúde LGBTQIA+.....	12
3.2 Hormonioterapia em mulheres trans e risco de câncer de mama.....	13
3.3 Enfermagem no cuidado humanizado com a população LGBTQIA+ com ênfase na mulher trans.....	14
3.4 Principais tipos de câncer de mama para população trans.....	14
3.5 Quais os hormônios causadores de câncer de mama em mulheres.....	15
3.6 Transfobia e a evasão da população trans.....	15
3.7 O SUS e os desafios para acolher a população trans.....	16
4. Conclusões.....	17
5. Referências.....	17

1. Introdução

Compreende-se gênero uma categoria, um marcador social com a qual contribui para construção de atitudes e comportamentos, determinando, na sociedade, os padrões normativos e valores de referência para um determinado período. Os comportamentos almejados para os indivíduos, os papéis de gênero, não são inerente ao sexo do nascimento, são instituídos a partir de questões sociais, econômicas e culturais.¹

A identidade de gênero vem da percepção de um indivíduo ser homem, mulher ou alguma outra classificação de gênero, podendo até mesmo ser uma combinação desses. Já a expressão de gênero corresponde à manifestação dessa identidade, ou seja, a forma como ela se expressa por meio do comportamento, sendo a aparência física, gestos, modo de se vestir, modo de falar e os padrões comportamentais quando está em interação com outras pessoas.²

A transexualidade, também definida como incongruência de gênero desde 2018, quando retirada pela OMS, após ser considerada como Transtorno de Identidade de Gênero pela classificação internacional de doenças (CID), se conceitua como uma incompatibilidade entre o sexo biológico atribuído a ela ao nascer e a identidade de gênero do indivíduo.³

Portanto, sendo uma mulher transgênero, ela teria nascido com genitália masculina, porém não se reconhece com o sexo que lhe foi designado, e se autodenomina mulher. Vale ressaltar, o conceito de orientação sexual que ainda é muito incompreendido e confundido pela sociedade atual com a identidade de gênero, a orientação se refere a atração física, ao desejo sexual, a emoção sentida, sendo por homens ou mulheres.²

O principal método recorrido pelas mulheres trans para se identificar cada vez mais consigo são as mudanças, sendo desde do nome ao modo de se vestir a busca pelas características desejadas, o câncer de mama perpétua no Brasil mais incidente em mulheres, estimado em um número elevado de 66.280 novos casos em 2021 e está cada vez mais intrínseco dentro da sociedade, além de ser uma das maiores causas de mortes, vários fatores podem ser levados em conta como contribuintes para elevar o risco de desenvolver essa doença.⁴

De acordo com o INCA (Instituto Nacional de Câncer), denomina-se câncer uma patologia que gera células anormais capazes de se multiplicar formando um tumor. O aparecimento da doença está relacionado não a uma etiologia única mas a diversos fatores contribuintes que aumentam o risco de desenvolvimento, no entanto, a prevenção está atrelada a um estilo de vida saudável ligado à prática de atividades físicas, boa alimentação, evitar bebidas alcoólicas, índice corporal adequado, entre outros meios.⁵

Para mitigar a discriminação e exclusão surgiu a Política Nacional de Saúde Integral a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual (LGBTQIA+), utilizada para representar a diversidade de orientações sexuais e identidades de gêneros, constituída pelo Ministério da Saúde, mediante a Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011, assegura um atendimento integral à saúde dessa comunidade e uma humanização consolidando o Sistema Único de Saúde (SUS), tanto na rede de atenção básica como nos serviços habilitados. A extensão do acesso a essa população aos serviços de saúde do SUS é dada devido ao nome social e pelo confronto à discriminação por orientação sexual e identidade de gênero. No entanto, apesar da existência dessa política pública, o acesso e cuidado ditos na teoria nem sempre se aplicam no cotidiano dessa população quando buscam um serviço de saúde.⁶

Atualmente, como se não bastasse os conflitos internos que as pessoas transgêneros enfrentam, os desafios no acesso ao sistema de saúde só dificulta com que as taxas de mamografia sejam altas para essa população. A busca por estabelecimentos de saúde atrás de informações e cuidados é fundamental para um cuidado e acompanhamento, porém normalmente o que é encontrado em muitos serviços de saúde são maus tratos e muitas vezes repulsão por parte de muitos profissionais, o que acaba sendo um

problema, uma vez que o acompanhamento na terapia hormonal precisa ser constante, para que no aparecimento de uma possível anormalidade esse diagnóstico possa ser precoce.⁴

A hormonioterapia é a etapa mais desejada do processo de transição, é administrado um hormônio conhecido como estrogênio que é associado com o antiandrógeno, hormônios procurados para desenvolver características femininas como o desenvolvimento das mamas e redução de traços masculinos, promovendo assim, o bem estar mental, físico e emocional, ao administrar o estrogênio é perceptível ao longo do processo o desenvolver das mamas, em razão do estímulo que ocorreu no processo de proliferação do tecido glandular mamário, tecido que é constituído por estrogênio e androgênicos, sendo esses os responsáveis pelo crescimento da mama, porém o uso descontrolado dessa terapia trás consigo malefícios.³

A enfermagem é essencial durante a assistência do paciente, sendo porta de entrada e protagonizando esse atendimento nos serviços de saúde, exercendo a prevenção e promoção de saúde esse atendimento requer apropriação de conhecimentos para saber lidar e atender a comunidade LGBTQIA+. No entanto, o que se observa no cotidiano é o despreparo e a ausência de uma assistência prestada com empatia, cuidado e acima de tudo humanização. Na formação de um profissional, se preparado a enfermagem vai atuar durante todo o processo de terapia hormonal para garantir uma assistência segura e livre de danos que podem ser provocados durante o tratamento.⁶

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo descrever a importância da enfermagem no processo de hormonioterapia em mulheres trans e no risco de câncer de mama, além de compreender, com base no despreparo da equipe de enfermagem, a importância de um acolhimento e cuidado humanizado para a população transgênero. O estudo também destaca como o preconceito e a discriminação podem afastar a procura por serviços de saúde e aumentar as práticas indevidas de manipulação hormonal, colocando em risco a própria vida. Além disso, busca-se analisar os aspectos que propagam essa problemática, compreendendo as causas e os riscos do câncer de mama em mulheres trans, bem como as dificuldades que a população transgênero encontra no SUS, desde do acesso até estigma por parte dos profissionais de saúde.

2. Material e Métodos

Foi realizada uma revisão de literatura do tipo narrativa. Foi preciso uma busca de artigos relacionados à temática, realizou-se um levantamento de dados a fim de obter todas as referências encontradas, por meio de busca on-line nas seguintes plataformas de busca: a Cientific Eletronic Library Online (SCIELO), Biblioteca Virtual de Saúde (BVS, nesse caso foram incluídos apenas estudos voltados a população transgênero, câncer de mama e a importância da enfermagem, a busca foi realizada no período de fevereiro a maio de 2024, usando critérios de inclusão foram utilizados 23 artigos escritos em inglês e português sendo esses, publicados nos últimos 5 anos (2020 a 2024), que abordassem a respeito do tema e estivesse disponível eletronicamente e na íntegra.

Para os artigos pesquisados foram levados em conta aqueles que se adequaram aos seguintes descritores: Câncer de Mama, Pessoa trans, Hormonioterapia e Riscos, foram descartados os artigos fora do período de publicação determinado e usando critérios de exclusão todos aqueles que não se adequa aos descritores: Câncer de mama, Pessoa Transgênero, Hormonioterapia e estudos que não se encontram dentro do tema abordado.

3. Resultados e Discussão

A partir da análise dos 23 artigos os resultados e discussão da revisão narrativa será apresentado dividido em eixos temático, a saber: Saúde LGBTQIA+, Hormonioterapia em mulheres trans e risco de

câncer mamário, Enfermagem no cuidado humanizado com a população LGBTQIA+ com ênfase na mulher trans, Principais tipos de câncer de mama para a população trans, Quais os hormônios causadores do câncer de mama em mulheres trans, Transfobia e a evasão da população trans, O SUS e os desafios para acolher a população trans:

3.1 Saúde LGBTQIA+

A comunidade LGBTQIA+ são alvos diariamente de preconceitos, as violações dos seus direitos consequentemente geram exclusão social e uma gama de problemas oriundos da falta de empatia por parte dos serviços de saúde, como sofrimento, depressão, ansiedade, adoecimento e até mesmo morte prematura.⁷

O SUS tem como objetivo amenizar a vulnerabilidade de grupos sociais sem distinção quanto à exposição ao adoecimento. Mediado a isso, é notório as particularidades, dificuldades e comprovação de políticas públicas que decorrem das questões relacionadas ao grupo LGBTQIA+. Nota-se que o preconceito relacionado à orientação sexual e a identidade de gênero, a intolerância e despreparo social quanto a essa formativa reflete no desapontamento e insegurança desse grupo na busca pelo setor de saúde onde devido ao estigma e discriminação ocasiona receio na busca por atendimento. O despreparo dos profissionais para lidar com as questões desse grupo social ocasiona frustração com os serviços procurados, interrupção dos serviços de saúde e a incontinuidade do mesmo em outras situações.⁶

Todavia é preciso interromper hábitos conservadores nos locais públicos e privados que atendem a essa comunidade, uma vez que devem ser tratados como cidadãos, constatando que tenham acesso aos serviços e condutas de saúde, de modo integral e neutro, a prática desses hábitos geram uma saúde falha quando se referente a essa população, visto que devem ser acolhidos e cuidados, tendo seus direitos respeitados independente da orientação sexual ou identidade de gênero, livre discriminação e a gozar de uma assistência holística.⁸

Com o objetivo de compreender as dificuldades frente à saúde dessa comunidade, o atual fundamento busca apontar os meios de saúde existentes, dando destaque aos objetivos e estratégias aplicadas a essa política. Com isso, vale ressaltar que o acesso à saúde é um direito prenunciado pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Segundo a Constituição da Organização Mundial de Saúde (OMS) gozar do melhor estado de saúde que é possível atingir constitui um dos direitos fundamentais de todo ser humano, sem distinção de raça, de religião, de credo político, de condição econômica ou social.⁹

3.2 Hormonioterapia em Mulheres Trans e Risco de Câncer Mamário

A hormonização é usada como parte do processo de modificação corporal desejada, esse método diminui as características sexuais secundárias biológicas e estimula as características sexuais secundárias da nova identidade de gênero. É importante ressaltar os riscos que automedicação com altas doses de hormônios podem trazer à saúde. Esses efeitos podem causar graves complicações, a exemplo de trombose de veias profundas, alterações tromboembólicas, aumento da pressão arterial, alterações hepáticas, problemas ósseos e o câncer de mama.⁸

No processo de transição é necessário que os transgêneros passem pela fase endócrina sendo essa mantida ao longo da vida, conhecida como hormonioterapia se consiste na terapia de hormônios que são induzidos para promoverem características físicas do sexo feminino, reduzindo os níveis endógenos com a substituição por esteroides sexuais, no caso da transição abordada neste trabalho que seria do masculino para o feminino, é usado o estrogênio que é administrado em associação com o antiandrógeno.²

Para as mulheres se submeterem ao tratamento pelo SUS, e inibir através de bloqueadores hormonais características sexuais secundárias é necessário idade maior que 18 anos, para a terapia com a utilização de hormônios e cirurgia de afirmação do sexo é definido que o paciente tenha idade superior a 21 anos. O tratamento requer um olhar amplo para não ocorrer o risco de desenvolver o câncer de mama ou outras doenças, é de extrema importância um acompanhamento com a equipe multidisciplinar, sendo está integrada com profissionais especializados como endocrinologista, cirurgião plástico, urologista, farmacêutico, serviço social, psicólogo e psiquiatra. O acolhimento dessa população é essencial para um atendimento completo.¹⁰

Com a administração do estrogênio em pacientes trans, ocorre uma proliferação das células glândulas mamárias, sendo assim, ocorre o aumento dessa mama. Apesar do uso para fins terapêuticos, o estrogênio tem forte relação com a incidência de câncer de mama. Quando se injeta o estrogênio no organismo biologicamente masculino, que normalmente deveria estar em pouca concentração começa a elevar o nível desse hormônio, ocorrendo uma alta força proliferativa celular do tecido mamário, tendo a possibilidade de gerar descontrole desse crescimento, passível a causar danos e problemas funcionais em que o sistema do paciente não seja capacitado para regular tamanha pressão, gerando então, um tumor maligno.⁴

3.3 Enfermagem no Cuidado Humanizado com a População LGBTQIA+ com Ênfase na Mulher Trans

É de extrema necessidade um preparo da enfermagem com um olhar abrangente, deixando qualquer preconceito e estigma de lado para atender a população trans respeitando a diversidade e o acolhimento necessário durante o processo de hormonioterapia, a enfermagem sendo o primeiro contato do paciente é o canal para quebrar preconceitos e discriminações. A população trans necessita de um acolhimento para que no processo de terapia hormonal não ocorra evasão, profissionais qualificados e empáticos precisam estar presentes durante esse cuidado, com um olhar singular, respeitando o sexo e o gênero de cada indivíduo.¹¹

Em relação à saúde da comunidade LGBTQIA+, em especial a população trans é necessário trazer algumas recomendações quanto ao cuidado: aprimorar o processo transexualizador, principalmente a prática da universalidade; a importância do uso do nome social nos ambientes de saúde e nos prontuário, formulários e documentações relativas a essa população; investimento em pesquisas e estudos voltados a saúde dessa classe; banheiros correspondentes a identidade de gênero da pessoa; inclusão dos termos identidade de gênero e orientação sexual nos formulários e documentos do SUS; e o acompanhamento do profissional durante a hormonioterapia ou transgenitalização, assim como também durante o tratamento de possíveis problemas de saúde oriundos dessa terapia ou não, uma vez que não são todos os transgêneros que desejam passar pelo processo transexualizador mas são todos que desejam serem vistos sem intolerância.⁶

Nessa perspectiva, a Atenção Primária de Saúde (APS) se classifica como principal porta de entrada do SUS, e carrega princípios como a universalidade, a integralidade e a equidade que são na teoria propostos mas na prática são ineficaz, sendo necessário aplicar alterações fundamentais para que a população trans seja vista e reconhecida, consolidando um cuidado além das doenças, trazendo para a sociedade a promoção e prevenção da saúde. Outrossim, apesar da importância e representação que essas mudanças trazem nas políticas públicas, ainda não é o suficiente sabendo que as mudanças necessárias precisam acontecer nos cotidiano dos serviços. É importante que a enfermagem esteja habilitada para atender e compreender, tendo cuidado para não disseminar o preconceito e a discriminação que já acomete tal população no seu dia a dia quando estão em busca de uma assistência integral.¹²

3.4 Principais Tipos de Câncer de Mama para População Trans

O câncer de mama é uma doença que causa desorganização e multiplicação anormal das células mamárias, podendo formar um tumor com capacidade de acometer outros órgãos. Existem vários tipos de câncer de mama, uns tem crescimento mais rápido, outros desenvolvem aos poucos. Geralmente quando tratados precocemente e no momento certo, apresentam bons resultados.⁵

O câncer de mama é o mais comum em todo o mundo. O diagnóstico desses tumores na fase precoce é fundamental, tendo maior possibilidade de sucesso no tratamento.¹³

Dentre os tipos de câncer de mama mais prevalentes em mulheres trans, se destacam: Carcinoma ductal in situ: conhecido como intraductal, as células se originam nos ductos da mama, porém pode ou não ocorrer a invasão nas paredes dos ductos para o tecido adiposo mamário, esse tumor representa 10% do casos sendo possível na maioria das vezes a cura através do tratamento cirúrgico. Carcinoma Lobular in situ: podendo ser chamado também de neoplasia lobular, tipo raro de câncer, tendo risco de ser invasivo só quando ocorre nas duas mamas. Carcinoma Ductal Invasivo: tipo mais comumente invasivo, detém de 80% do casos, inicia-se a partir do rompimento da parede do ducto, logo se desenvolvendo no tecido adiposo da mama, podendo ocorrer a metástase para outros órgãos. Câncer de mama inflamatório: tipo agressivo e mais raro, confundido muito com uma infecção mamária, apresenta sinais como inchaço da mama, vermelhidão e temperatura quente nos locais dos nódulos.¹⁴

O recomendado para rastreio de câncer de mama em mulheres sem sinais e sintomas é entre 50 a 69 anos, sendo repetida a cada dois anos. Outrossim, a prática do autoexame facilita muito um diagnóstico precoce, proporcionando um autoconhecimento e detecção de lesões ao palpar a área, podendo ser praticado pelo próprio indivíduo ou profissional de saúde, a faixa etária abordada é designada a mulheres cisgênero e por falta de diretrizes recomenda-se seguir o mesmo para mulheres trans.¹⁵

3.5 Quais os Hormônios Causadores de Câncer de Mama em Mulheres Trans

A hormonioterapia referente a mulheres trans têm maior complexidade, os hormônios utilizados no processo além de agir estimulando o aparecimento de características femininas através da admissão do estrogênio ocorre, ainda, o uso do antiandrogênio para a inibição das características masculinas.¹⁰

A atuação dos hormônios esteróides quanto ao tecido mamário segue bem estabelecida, sabe-se que a ação da progesterona e estrogênio agem no desenvolvimento e promoção do crescimento mamário. A forma de administração desses hormônios podem contribuir para os bons resultados desse tratamento, incluem géis por via tópica, injeções intramusculares, métodos transdérmicos por adesivo e implantes por via subcutânea.¹⁶

Devido a administração de estrogênio para pacientes em transexualização, acontece uma proliferação celular das glândulas mamárias, assim desenvolvendo as mamas. Portanto, apesar do uso terapêutico, o estrogênio está relacionado com uma maior incidência de câncer de mama, uma vez que a hormônio terapia injeta sobre o corpo o estrogênio, induzindo uma proliferação celular no tecido mamário, podendo gerar crescimento descontrolado em que o sistema imune não seja capaz de regular, gerando o desenvolvimento de tumores. A etapa de formação transição na fase endócrina ocorre a redução de hormônios endógenos e a substituição por hormônios esteróides sexuais.⁴

Estudos revelam que a terapia hormonal com estrogênio atribui significativamente na iniciação e progressão do câncer de mama.¹⁶

Consoante estudos realizados pela University Medical Center em 2019 situada em Amsterdã, homens cisgênero, sendo esses que se identificam com o gênero correspondente ao sexo biológico de nascimento, tem menos chances de desenvolver câncer de mama, enquanto as mulheres trans se classificam em ter 47 chances de desenvolver o tumor, essa probabilidade se dar devido ao processo de

hormonioterapia, sendo assim, é de suma importância a atenção necessária ao processo de prevenção à saúde.³

3.6 Transfobia e a Evasão da População Trans

LGBTQIA+ fobia é o sinônimo utilizado para indicar preconceito e discriminação relacionados a comunidade LGBTQIA+, deste modo, caracteriza uma violação dos direitos humanos, a falta de um ambiente acolhedor trás sentimentos de insegurança, conseqüentemente, essa comunidade opta por não frequentar serviços de saúde.¹⁷

Transfobia é a rejeição e o preconceito contra as pessoas transsexuais e transgêneros, pode ser vivenciada por esses indivíduos no dia a dia por várias formas como raiva, violência física, psicológica e moral, fazendo com que a pessoa desenvolva traumas e problemas psicológicos, essa discriminação pode acabar até em situações mais extremas que os insultos, afrontas e ataques como privação de direitos fundamentais, como a vida, a saúde e a liberdade acarretando problemas que podem acabar no suicídio.¹⁷

Apesar das muitas conquistas decorrentes da criação das políticas públicas de saúde para essa comunidade e o visível espaço quem vem tomando, a implantação dessas temáticas na saúde ainda é pouca, essa política surge na função de proteger e promover a saúde da população LGBTQIA+, no entanto, é de função do estado assegurar a essas pessoas o acesso e proteção do direito à saúde.¹⁰

A adoção do nome social é essencial no primeiro contato, barrando qualquer tipo de preconceito ao reconhecer a pessoa como ela deseja ser reconhecida, sendo uma Regra Administrativa Federal da Portaria de n. 1.820, de 13 de Agosto de 2009 implantada para garantir a ausência de discriminação nos serviços de saúde, assegurando o uso do nome social, no entanto, ações de desrespeito e negação direitos ainda perpétua, o que exige que a enfermagem esteja consciente praticando um cuidado integral livre discriminação.¹⁸

Nesse sentido, apesar dos avanços que ocorreram na saúde, muitos profissionais ainda não se conscientizam e em muitas das vezes não sabem do que se trata o nome social, a ausência de respeito ao nome social e as discriminações vivenciados no cotidiano dos serviços de saúde devem ser considerados violações éticas, na forma em que destilam o preconceito e aversão a população trans. Sendo assim, contribuem para evasão das mulheres trans dos centros de saúde, logo é barreira no processo de acompanhamento da hormonioterapia.¹⁹

3.7 O SUS e os Desafios para Acolher a População Trans

Desde de 1960 vários movimentos sociais refutava a respeito do valores sociais relacionados a sexualidade do indivíduo, como movimentos feministas, o movimento lésbico e gay, entre várias outras causas que eram feitas para buscar a liberdade, impulsionando assim a visibilidade as mulheres e a população LGBTQIA+.¹⁰

Com a visibilidade aos poucos alcançada por essa população, a partir da década de 1970 a luta pela democracia e igualdade social se tornava um marco, mas em 1980 as trajetórias das lutas sociais voltadas a violência e discriminação favoreceram um olhar empático voltado a luta LGBTQIA+, aumentou o nível de procura para o acesso à saúde, principalmente com a epidemia de HIV/AIDS, mas ainda apresentava parâmetros errôneos no que era oferecido, visto que a cirurgia de alteração de sexo era proibida, assim como também era notória a falta de assistência humanizada e acolhimento a transsexuais.²⁰

Em 2008 ocorreu a implantação do processo transexualizador pelo SUS, regulamentado pela portaria GM/MS n. 2.803 em 19 de novembro de 2013. Tem como principal objetivo orientar a

importância de uma assistência humanizada e de qualidade as transexuais e travestis, descreve quais as funções e responsabilidades de cada profissional da equipe multidisciplinar que está presente atuando diariamente para atender de forma humanizada e eficaz, respeitando as necessidades e particularidades, sem preconceito e discriminação.²¹

A autorização para cirurgia de alteração sexual foi realizada em 2008, justamente através da portaria 1.707/2008 que logo mais à frente foi revogada pela portaria 2.803/2013 havendo então, uma ampliação e redefinição do processo transexualizador no SUS, antes desse feito era necessário que a busca por esses tratamentos fossem feitas em outros países ou em clínicas clandestinas, a questão à automedicação do tratamento hormonal também acontecia e ocorre até os dias atuais, feita na maioria das vezes de maneira errônea, drogas compradas em locais de origem pouco confiáveis, trazendo consequências negativas em relação à saúde dessa população sabendo que o acompanhamento durante esse processo é primordial.²²

Dessa forma, o SUS moderniza a perspectiva do bem-estar, físico e social no país, através do aprimoramento dos seus objetivos, buscando associação a necessidade de se conscientizar das condições e determinantes da saúde e da integridade das práticas de prevenção e promoção da saúde, apesar da importância de toda evolução das políticas públicas voltadas a essa temática, ainda não são suficientes dentro da sociedade, visto que o cotidiano dos serviços de saúde ainda não mudou, é de extrema necessidade que os profissionais do SUS garantam em suas premissas a inclusão universal do acesso e a igualdade na assistência, sem desmerecimento, sem distinção ou preconceito.²³

4. Conclusão

Desse modo, é de extrema necessidade o debate a respeito da importância da enfermagem frente a reposição hormonal em mulheres trans e o risco de câncer de mama, visto que apesar dos avanços e espaço que a comunidade LGBTQIA+ vem tomando ainda não são respeitados em alguns ambientes de saúde. A ausência de serviços de saúde com profissionais de enfermagem acolhedores faz com que ocorra a evasão logo, as mulheres arriscam-se em procedimentos inseguros e automedicação de hormônios tornando necessário a reformulação de ambientes de saúde para inclusão do cuidado integral com essa população. Vale acrescentar que diante de todas as consultas até a abordagem das informações presentes, não foi encontrado artigos que mencione o enfermeiro diante da administração dessas substâncias, porém, o mesmo é respaldado quanto a aplicação de medicamentos injetáveis, com isso, esses profissionais administram o tratamento da terapia hormonal além de oferecer suporte no acompanhamento.

Portanto, ao promover um ambiente de cuidado seguro e acolhedor, os enfermeiros podem desempenhar um papel significativo na melhoria da saúde e no bem-estar dos transsexuais, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e equitativa. Além disso, é fundamental que busquem constantemente expandir seus conhecimentos e habilidades através da educação continuada e da conscientização sobre as questões enfrentadas pelos transsexuais, assim como também é importante inserir esse assunto desde da graduação para formar profissionais íntegros. Isso inclui a compreensão das barreiras de acesso aos cuidados de saúde, a identificação e mitigação de preconceitos e estigmas, bem como a defesa por políticas e práticas que promovam a igualdade de direitos para todos os pacientes, independentemente de sua identidade de gênero. Portanto, os enfermeiros podem desempenhar um papel fundamental na promoção da saúde e na redução das disparidades enfrentadas pela comunidade transsexual.

5. Referências

1. Martins BSMR, Covos JS, Ouchi JD, Boscariol R. Assistência de enfermagem a população transexual. *Revista Saúde em Foco*. 2023, 15, 49-52.
2. Costa TLAC, Brandão FSS, Figueiredo WVA, Passos XS, Moraes FD. Influência da hormonioterapia na incidência de câncer em transexuais. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba. 2021, 7(6), 56017-56039.
3. Nascimento JL, Lucio RFO, Coutinho WL, Sa LLCB. Influência da terapia hormonal no desenvolvimento de câncer de mama em mulheres transexuais: uma revisão de literatura. *Research, Society and Development*. 2024, 13(1), e6513144701.
4. Mendonça WJR, Mendonça NJ, Lima PMAP. Rastreamento de câncer de mama em transgêneros: uma revisão integrativa de literatura. *Research, Society and Development*. 2022, 11(17), e245111738953.
5. Carvalho MS, Santos MTS, Silva PTH, et al. Desafios do rastreamento do câncer de mama em pessoas transgêneros. *Research, Society and Development*. 2021 10(9), e11810917772.
6. Borges MC, Passos MAN. A importância do atendimento humanizado da equipe de enfermagem no cuidado de pacientes trans. *Revista JRG de estudos acadêmicos*. 2021, 4(8), 13-20.
7. Costa-Val A, Manganelli MS, Moraes VMF, Cano-Prais HA, Ribeiro GM. O cuidado da população LGBT na perspectiva de profissionais da atenção primária à saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 2022, 32(2), 1-21, e320207.
8. Silva AR, Cardoso DP, Santos FM, et al. O papel do enfermeiro à população trans no acesso aos serviços de saúde na atenção primária. *Research, Society and Development*. 2022, 11(11), 2-12, e551111134009.
9. Sousa FB, Sousa PMLS. Saúde LGBTQIA+: a vulnerabilidade das minorias sexuais. *Research, Society and Development*. 2021, 10(3), e273101321241.
10. Ribeiro PVS. Terapia hormonal para redesignação de gênero-mulher trans: uma revisão. *Revista Saúde.com-Ciência*. 2020, 11(1), 9-16.
11. Duarte DD, Queluci GC, Ferreira HC, Chiszostimo MM. A perspectiva do enfermeiro no cuidado diante da população trans. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, Vargem Grande Paulista*. 2020, 9(4), 1-22.
12. Gomes DF, Teixeira ER, Sauthier M, Gaia AG. Desafios éticos nas relações entre enfermeiro e transexuais na Atenção Primária de Saúde. *Research, Society and Development, Vargem Grande Paulista*. 2021, 10(1), e57210112110.
13. Barbosa MGA, Silva EI, Barros EFA, Silva MM, Santos SM, Lins SRO. Alterações citológicas e marcadores tumorais específicos para o câncer de mama. *Braz. J. of Develop*. 2020, 6(8), 59977-59992.
14. Ribeiro WA, Silva ACV, Evangelista DS. Câncer de mama masculino: contributos do enfermeiro na atenção primária de saúde. *Revista Pró-UniverSUS*. 2020, 11(1), 65-73.
15. Sala DCP, Okuno MFP, Taminato M, Castro CP, Louvison MCP, Tanaka OY. Breast cancer screening in Primary Health Care in Brazil: a systematic review. *Rev Bras Enferm*. 2021, 74(3), e20200995.
16. Filho TRC, Jesus ML, Braga VS, Siqueira TL, Amaral ALA. Terapia de reposição hormonal: revisando as indicações, riscos e benefícios da terapia de reposição hormonal em diferentes grupos de pacientes. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*. 2023, 5(4), 2595-2606.

17. Sousa RG, Gomes BKG, Pereira LB, et al. Perfil das denúncias de LGBTfobia ocorridas em estabelecimentos de saúde em 2021. *Unimontes Científica*. 2023, 25(2), 1-18.
18. Melo IR, Amorim TH, Garcia RB, Polejack L, Seidl EMF. O Direito à Saúde da População LGBT: Desafios Contemporâneos no Contexto do Sistema Único de Saúde (SUS). *Revista Psicologia e Saúde*. 2020, 12(3), 63-78.
19. Teixeira TC, Farias JVG, Fontes ACS, Mesquita PBS, Junior MDS. Dificuldades e vivências da população transexual no acesso aos serviços de saúde. *Cuardenos de Educación y Desarrollo*. 2024, 16(1), 832-851.
20. Freitas CAM, Prado NMBL, Carvalho VN, Kochergin CN, Santos AM. Os movimentos sociais e a gênese de propostas para a saúde da população LGBT na Bahia, Brasil (1979-2014): disputas iniciais e alternativas possíveis. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*. 2024, 29(2), 1-14.
21. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.803 de 19 de novembro de 2013. Redefine e amplia o processo transexualizador no Sistema Único de Saúde. *Diário Oficial da União*. 20 Nov 2013. [acesso 2024 setembro 17]. Disponível e: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt2803_19_11_2013.html.
22. Silva RA, Silva LAV, Soares F, Dourado I. Uso de hormônios não prescritos na modificação corporal de travestis e mulheres transexuais de Salvador/Bahia, Brasil. *Ciência e saúde coletiva*. 2022, 27(2), 503-504.
23. Oliveira I, Romanini M. (Re)escrevendo roteiros (in)visíveis: a trajetória de mulheres transgênero nas políticas públicas de saúde. *Saúde e Sociedade*. 2020, 29(1), e170961.